



Gilberto Freyre com José Francisco de Moura Cavalcanti e o general João Baptista de Figueiredo

REGIÃO E TRADIÇÃO

Álvaro Lins

Artigos publicados no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) de 5 e 12 de julho de 1941 e reproduzidos da obra do autor *Jornal de crítica, 2a. série* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, p. 202-222). Álvaro Lins nasceu em Caruaru, PE, em 1912, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1970. Estreou com a *História literária de Eça de Queiroz* (1939), tornando-se no ano seguinte crítico literário do *Correio da Manhã*. Publicou sete volumes do *Jornal de crítica*, uma biografia de Rio Branco (1945) e várias outras obras de ensaísmo literário e político

Durante bastante tempo um escritor somente do Recife, com uma repercussão limitada sobre pequenos grupos de várias outras cidades, o sr. Gilberto Freyre tornou-se, depois de *Casa-Grande & Senzala*, um nome que não só se eleva demais nos nossos dias como se antecipa historicamente numa colocação natural ao lado de certas figuras isoladas do nosso passado, como Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha. A obra do sr. Gilberto Freyre é realmente daquelas que perturbam os contemporâneos. Muito raro o escritor que se destinando a uma permanência dentro do tempo tenha sido também lucidamente compreendido e justamente avaliado pelos seus companheiros de época. Não preciso invocar os erros e os equívocos dos grandes críticos a propósito dos seus contemporâneos. Todos são muito conhecidos. Talvez sem o sentir, quase sempre sustentam a tendência de ampliar os valores médios e de reduzir os grandes valores. Habitualmente estamos dominados pelo invencível acanhamento de reconhecer que num homem que caminha ao nosso lado se encontra um autêntico grande homem do futuro. Estamos muito próximos e essa proximidade perturba um julgamento de isenção e de estabilidade, um julgamento que só poderá se chamar histórico. A felicidade e a desgraça da glória é que ela há-de ser sempre uma realidade póstuma. Eu creio que nenhum contemporâneo mais do que o sr. Gilberto Freyre se encontra nesta perspectiva de uma existência definida mais fortemente no futuro do que no presente. Poderão me lembrar o êxito dos seus livros, a extensão da sua influência, o prestígio do seu nome. Tudo isso, porém, se ampliará e se engrandecerá mais tarde, quando esta obra atravessar um processo

rigoroso de análise, de exegese, de decomposição. A verdade é que este processo não se encontra sequer iniciado e provavelmente haveremos de esperar por ele durante muito tempo. O que se escreveu e o que se está escrevendo sobre o sr. Gilberto Freyre tem um caráter não só provisório, mas superficial e incompleto. Este escritor tem conquistado muitos comentadores, mas não encontrou ainda o crítico que espera. Um crítico tanto no sentido de interpretação como de julgamento. Os seus críticos de hoje só têm feito acumular subsídios e materiais — alguns bem pobres de inteligência e de perspectiva — para os seus críticos de amanhã. Reivindicarei mais tarde o privilégio de estar prevendo agora o verdadeiro sentido em que se realizará o desenvolvimento histórico da personalidade do sr. Gilberto Freyre.

Mas devo lembrar que a dificuldade de crítica neste caso decorre em grande parte dos seus estudos especializados, das suas aquisições científicas, dos seus processos e métodos até então desconhecidos entre nós. Decorre igualmente da sua obra em si mesma, do que há de original e de irredutível na sua personalidade. Talvez um tanto desesperado pela ausência de crítica, o sr. Gilberto Freyre resolveu se tornar o crítico de si mesmo, o que está muito de acordo com a sua tendência para a introspecção e o auto-exame. Não propriamente uma crítica de julgamento, mas de interpretação, é a que ele vem realizando em seus prefácios, em suas notas explicativas, em alguns dos seus artigos no *Correio da Manhã*. Uma interpretação dessa espécie vamos encontrar na introdução do mais recente de seus livros (*Região e tradição*, Rio, 1941). E este não será na bibliografia do sr. Gilberto Freyre um livro como qualquer outro. Aquí está uma espécie de miniatura da sua obra, como em *Casa-Grande & Senzala* está a sua base fundamental. A obra do sr. Gilberto Freyre representa uma espécie de árvore em crescimento, mas já definida e caracterizada na sua natureza e na sua qualidade. Em *Casa-Grande & Senzala* estão o tronco e as raízes. Todos os outros livros, a partir de *Sobrados e mucambos*, constituem complementos e desdobramentos, constituem os galhos da grande árvore. Trata-se assim de uma obra que tem uma unidade e uma harmonia. Ela cresce e desdobra os seus aspectos, mas se conservando sempre fiel a si mesma e às suas origens. Não sei se está vinculada a um plano objetivo e ostensivo; o plano a que me refiro é de caráter interior e intrínseco. E que já se encontra todo como um esboço ou uma miniatura em *Região e tradição*. Este livro contém páginas tanto literárias como científicas, tanto regionais como universais, tanto da mocidade como de hoje. Aquí está o seu discurso de orador da turma do Colégio Americano Gilreath, do Recife, em 1917, a sua conferência da Paraíba do Norte sobre Psicarí e Bourne, o seu estudo sobre cem anos de vida social no Nordeste, no número comemorativo do centenário do *Diário de Pernambuco*, a pequena obra-prima que é o discurso *Regresso à Província*, pronunciado em 1936 no Recife, e também algumas das suas últimas páginas, alguns dos seus artigos para o *Correio da Manhã*. Estamos, pois, diante de um livro que sugere a tentativa de fixação de alguns aspectos da história literária e cultural do sr. Gilberto Freyre.

Esta história começa no Recife, onde também acabará com certeza. O

Recife é um microcosmo para o sr. Gilberto Freyre. O escritor e a sua cidade se fundem numa mesma unidade orgânica. E já aos dezesseis anos, o seu discurso no Colégio Americano representa um documento das suas tendências de adolescente. Não se tratava de um menino envelhecido, de um daqueles meninos brasileiros vestidos de preto e dos quais ele escreveu depois que pareciam "de luto da própria meninice". O seu caso era o de uma simples antecipação, pois a adolescência permanece ainda hoje o traço mais vivo do seu caráter. O "espírito" do seu "Adeus ao Colégio" é o mesmo que anima as suas páginas mais recentes. Somente o estilo e as idéias ainda se apresentavam vacilantes e indecisas na procura da sua forma e dos seus conceitos. Neste discurso dirá alguma coisa de que nunca mais se esquecerá: "O tempo que corre é turvo, e não quer a oratória oca e romântica à moda dos Lamartines nem os devaneios filosóficos". E mais adiante, refletindo os efeitos da primeira Grande Guerra sobre a mocidade do seu tempo, pronunciava estas palavras que os adolescentes de hoje poderiam repetir: "Tremendo enigma a decifrar na verdade o dessa esfinge que caminha para nós — como a da lenda para Édipo no caminho que vai a Tebas — o desse amanhã terrível que se avizinha, o desse mundo social cavado nas entranhas do subsolo europeu, e a rebentar formidável, rude, novo, virgem. . . (. . .) Nós, os moços de agora, seremos os primeiros a fazer face ao novo mundo social que se levanta das labaredas da Europa com os seus mil e um problemas originais. Se custa enfrentar um novo mundo físico, imaginai um novo mundo social, todo sulcado de veias e nervos humanos".

Logo depois desse discurso seguia para a América do Norte, onde cursou universidades e frequentou alguns ambientes literários e estéticos dos mais característicos. Nas universidades americanas ele realizou os seus estudos de ciências sociais e as suas leituras de autores que seriam para sempre os da sua predileção. De muitos deles foi o introdutor e o apresentador no Brasil. Vê-se que já nesse tempo procurava salvar-se dos prejuízos de uma especialização exclusivista. O que costuma louvar no português — um duplo plano de rotina e de aventura — parece ser igualmente um aspecto definidor do seu caráter. Os rigores dos cursos científicos — pesquisas objetivas, metodização de processos, disciplina de estudos — não o impediam de frequentar os "loucos" das artes e das literaturas, os "loucos" de todas as categorias, dos quais fará mais tarde o elogio através do seu *regresso à Província*. Frequenta a Universidade de Colúmbia, mas também convive com os artistas de *Greenwich Village*, uma espécie de *Quartier Latin* americano; convive com os padres dominicanos e beneditinos da Universidade Católica, como o romancista russo Leon Kobrin, antigo companheiro de Trotski no jornalismo, com Amy Lowell, de quem foi hóspede na sua casa de Brooklyn, com sábios, com professores, com artistas, com políticos, com vagabundos, com toda a gente que pudesse apresentar um interesse humano ou simplesmente intelectual. Esta mocidade nos Estados Unidos constituiu realmente para o sr. Gilberto Freyre a sua principal experiência de vida.

De volta ao Recife não trazia nenhum diploma para uma carreira rendosa e prática. Trazia, porém, o potencial de uma obra que se tornou uma revo-

lução cultural. A sua figura iria se tornar também uma espantosa contradição em diversos sentidos. Uma contradição que será sempre o segredo da sua personalidade; o observador comum ficará desconcertado na contemplação do que há de duplo ou de múltiplo na figura do sr. Gilberto Freyre: o *gentleman* de salão ou o companheiro dos cafés, parecendo o mais sociável, o mais expansivo, o mais extrovertido, e o trapista, o solitário que se fecha com os seus livros, tornando-se invisível durante muitos dias; o místico que se sustenta de uma fé ainda não definida e o cético que parece tudo decompor com uma análise desdobrada em dúvidas e hesitações; o poeta que se permite os mais amplos devaneios e o cientista preciso e exato em lógica e documentação; o regionalista que fez da cidade do Recife uma condição da sua vida pessoal e do Brasil uma condição da sua vida intelectual, e o universalista que ama as viagens e as nações estrangeiras, que compreende e sente os autores e os artistas de todas as pátrias; o objetivo e o introspectivo; o lírico e o ascético; o tradicionalista e o revolucionário. Por isso, talvez, é que o sr. Gilberto Freyre tanto se sente fascinado pela complexidade dos Franciscanos, na mesma proporção em que se sente afastado da rígida simplicidade dos jesuítas. Tenho a impressão de que estes versos de Racine não-de repercutir profundamente no seu espírito:

“Mon Dieu! Quelle guerre cruelle!
Je trouve deux hommes en moi!”

Era natural que há vinte anos esta figura se tornasse inaceitável para os conservadores e burgueses, para os literatos acadêmicos, para os políticos verbosos e vazios. Não eram só as suas roupas americanas, o seu chapéu coco, os seus hábitos anticonvencionais de vida que escandalizavam os homens pacatos e estabilizados. Eram também as suas idéias, o seu estilo, a sua linguagem. Os acadêmicos e os intelectuais da velha guarda pressentiam que através daquele jovem de vinte e poucos anos vinha qualquer coisa de original e de revolucionário que os ultrapassaria para sempre. E desde os seus primeiros artigos no Brasil começou a se afirmar o que seria a principal contradição aparente do sr. Gilberto Freyre: um autor que viveu a sua mocidade no estrangeiro, ao contacto de professores, companheiros e livros norte-americanos, ingleses, franceses, russos, e que vem se tornar o mais nacional e o mais regional de todos os nossos escritores. Tudo o que aprendeu, observou e assimilou no Exterior convergiu para um sentimento da terra e da história do seus país. O seu conhecimento das nações estrangeiras ofereceu-lhe além de tudo um método que se tornou imprescindível nos estudos sociológicos: o comparativo. Através dele é que chegou, por exemplo, a estabelecer uma comparação extremamente feliz e exata entre o Brasil e a Rússia do século XIX e dos princípios do século XX. Acho assim das mais importantes e definidoras esta circunstância da obra do sr. Gilberto Freyre: uma formação cultural no estrangeiro aplicada a estudos rigorosamente brasileiros. De certo modo repetiu simbolicamente o mesmo caminho do português do século XVI: a utilização de instrumentos e processos estrangeiros para a descoberta e fecundação da terra americana. Porque a obra sociológica do sr. Gilberto Freyre me parece verdadeiramente colonizadora na sua novidade, no seu arrojo, na sua

capacidade de se transmitir em herança e de se continuar nas novas gerações. E as novas gerações foram as primeiras que se aproximaram do sr. Gilberto Freyre como são ainda hoje as que se acham mais perto do seu espírito de inalterado adolescente. Os seus primeiros artigos do *Diário de Pernambuco*, nos anos de 1922-1925, representavam um pouco aquele mesmo papel das crônicas de Ramalho Ortigão em *As Farpas*: um papel pedagógico no melhor sentido. O sr. Gilberto Freyre procurava ensinar os brasileiros a vestir, a comer, a ler, a construir as suas casas e os seus jardins, a viver, afinal, dentro das condições de seu clima e das suas cidades. Também numa das suas crônicas daquele tempo já exprimia rapidamente um conceito de história que iria ser o dominante em toda a sua obra futura: a história social. Contudo, não seria somente um estudioso e um intérprete da história brasileira, mas também uma voz da sua geração, uma figura representativa e expressiva do seu tempo. A sua condição de historiador não significa um recurso contra o presente como o seu nacionalismo não constitui uma prisão contra o mundo. Estuda a história como um ser vivo, da mesma maneira que ama o seu país mantendo alerta o espírito de crítica e de análise. E esta condição de vida e de atualidade faz do sr. Gilberto Freyre um intérprete da sua geração. À idéia de geração, aliás, ele próprio atribui uma especial significação, como o definiu na sua conferência *Apologia pro generatione sua*, de 1924: vê uma geração continuando a outra, a mais nova sempre sentindo a necessidade de realizar retificações e compensações sobre os legados das que a precederam. A sua obra será uma expressão dessa sua idéia; apresentará, ao lado de uma força criadora de caráter independente, uma capacidade crítica para retificar e compensar algumas das figuras mais consideráveis da nossa história literária. Talvez por isso foi que os homens da sua geração começaram desde logo a se aproximar do sr. Gilberto Freyre. Uns mais velhos e outros mais novos; todos ligados por um mesmo espírito, capaz de centralizar tendências diversas e personalidades diferentes. Começa desde então a sua poderosa influência sobre escritores e artistas brasileiros e até estrangeiros. Uma influência cujas proporções no Brasil lembram a de André Gide na França. Neste sentido o prefácio do sr. José Lins do Rêgo em *Região e tradição* — uma página admirável não só pela expressão literária mas pela sinceridade das suas confissões, lembrando os melhores momentos do ensaísta que antecedeu o romancista no autor do *Ciclo da Cana-de-Açúcar* — constitui uma espécie de documento simbólico. Um depoimento que muitos outros poderiam subscrever. Do Recife, a influência do sr. Gilberto Freyre se estendeu a alguns dos seus amigos do Rio e de São Paulo, tomados depois figuras representativas — poetas, romancistas, ensaístas — da literatura brasileira de hoje. Ainda considerável se tornou a sua influência sobre pintores, arquitetos, engenheiros. Todas no sentido de realizações mais humanas e mais brasileiras, mais verdadeiras e menos enfáticas, mais naturais e menos retóricas. Mas depois de *Casa-Grande & Senzala* a influência deixou de se realizar numa esfera limitada de amigos e de grupos para se tornar, com o conhecimento da sua obra, um fenômeno geral tão amplificado que se tornou de difícil determinação. As suas idéias, os seus processos, a sua linguagem, o seu estilo estão marcando há oito anos as letras brasileiras. O que era sua propriedade particular vai se tornando um pouco arbitrariamente propriedade de todo o mundo.

Uma tamanha influência só pode se explicar pela originalidade da sua obra. E essa originalidade parece-me definida em dois sentidos que convergem e se unificam numa mesma direção: os seus estudos de ciência social sobre a vida brasileira e o seu estilo literário. Através do desenvolvimento da casa-grande e da senzala reconstituiu todo um sistema político, econômico e social que foi o dominante na sociedade brasileira e que ainda hoje se prolonga em algumas de suas manifestações. O seu livro *Casa-Grande & Senzala* representa, assim, uma espécie de descoberta do Brasil, como *Os sertões*, de Euclýdes da Cunha. O que Euclýdes realizou num sentido antropogeográfico, o sr. Gilberto Freyre realizou com um processo novo — o histórico-social — num sentido histórico e sociológico. Mas o sr. Gilberto Freyre utiliza não só um processo novo, mas também uma nova concepção sociológica e histórica. E esta nova concepção se desenvolve num movimento de profundidade que procura as próprias fontes originárias da vida e não apenas a sua superestrutura. Não procura nos homens somente os seus gestos, as suas palavras, os seus atos, mas sobretudo o estado consciente e subconsciente que os determina; não procura na sociedade somente as suas formas estabilizadas, mas o caminho que ela seguiu até a sua constituição num sistema organizado. Atribui aos fatores econômicos a sua verdadeira influência, ao lado das causas psicológicas. Estuda a alimentação ao lado do clima; as raças ao lado das classes; os fatos espetaculares ao lado dos pequenos episódios de todos os dias. Parte sempre do particular para o geral, do objeto para o conceito, da idéia para a forma. Daí o seu interesse pela minúcia, pelo detalhe, pelo aparentemente insignificante, pelos anúncios de jornal, pelos diários íntimos, pelas cartas, pelos livros dos viajantes. Daí também a sua ausência de ênfase, de dogmatismo, de tom doutoral. A principal acusação, talvez por isso, que se faz ao sr. Gilberto Freyre é a de ser um sociólogo que não conclui. Acredito, ao contrário, que nesta acusação se encontra o seu principal elogio. Não é verdade, aliás, que ele se negue a concluir. Encontro conclusões por toda parte nos seus livros. Apenas são as conclusões naturais e lógicas da sua obra e não conclusões arbitrárias de fórmulas, de receitas, de sistemas, de camisas-de-força ideológicas. As suas apresentam um caráter prudente de sugestões. E os que concluem de outra maneira, os que concluem dogmaticamente, correm sempre o perigo de um esquecimento ou de uma retificação daqueles que vierem depois. O sr. Gilberto Freyre poderia inscrever como legenda da sua obra esta verdade que André Gide exprimiu em *Incidences*: "Il reste, dans ses livres, de la question sans réponse et c'est ce qu'on y trouve de meilleur. Malheurs aux livres qui concluent; ce sont ceux qui d'abord satisfont le plus le public; mais au bout de vingt ans la conclusion érase le livre".

O estilo do sr. Gilberto Freyre é uma consequência do que há de original e de pessoal nas suas idéias e na sua obra. A um pensamento novo corresponde sempre um estilo igualmente novo. Porque o estilo não é o instrumento de uma obra, mas a própria forma desta obra. E é também o seu elemento de duração e de perpetuidade. Nele encontraremos sempre os três atos da velha e insubstituível definição de Buffon: "Bien écrire, c'est bien penser, bien sentir et bien rendre". Diz Pirandello que todos os seres morrem porque têm forma, an-

quanto que é precisamente pela forma que subsiste a obra de arte. O sr. Gilberto Freyre criou um estilo de arte literária para exprimir uma obra de ciência. Este fato significa uma dupla vitória para a ciência e para a literatura. Realmente o seu estilo apresenta-se, ao mesmo tempo, geométrico e poético: geométrico pela sua precisão, poético pela sua música interior. Aparentemente o seu estilo mostra-se difícil, e é possível mesmo que irrite o leitor no primeiro encontro. As frases se quebram constantemente em parênteses, em suspensões virguladas, em traços explicativos. O hábito, a convivência resultará depois num verdadeiro prazer para os olhos e os ouvidos. O estilo do sr. Gilberto Freyre lembra neste sentido o estilo de Marcel Proust. Ambos se afastam da linha dos estilos tradicionais das suas línguas. Ambos estão determinados pela introspecção e pela busca do "tempo perdido", um no homem, o outro na sociedade. Ambos estão sustentados por uma unidade interior que contrasta com a desconexão exterior. Ambos se destinam a exprimir nuances e detalhes em literaturas dominadas pelas idéias gerais. Ambos apresentam um "fio de Ariadne" no meio de construções às vezes verdadeiramente labirínticas. Atribuo por isso ao estilo literário do sr. Gilberto Freyre aquela mesma significação que ninguém nega aos seus estudos históricos e sociológicos. Na revolução cultural que ele desencadeou é o seu estilo que comanda.

O que se pode dizer do estilo do sr. Gilberto Freyre vai ter aplicação ao caso da sua linguagem. Ainda aqui encontramos uma ostensiva convergência de regionalismo e de universalismo, os dois caminhos que se cruzam e se unem em toda a obra do autor de *Casa-Grande & Senzala*. Torna-se visível a presença de anglicismo, de francesismo, não tanto no emprego das palavras estrangeiras mas sobretudo no ritmo, no som, no gosto que imprime às suas construções e inovações de linguagem e de estilo. Sobretudo a sua linguagem haveria de ficar marcada pelo que subsiste da sua permanência no estrangeiro, do seu conhecimento íntimo da língua inglesa, da sua convivência de todos os dias com idiomas diferentes do português. Mas ainda uma vez a sua individualidade brasileira consegue se defender do que se poderia ter tornado uma tirania ou uma absorção. A língua inglesa constituirá uma influência na sua obra, mas de maneira nenhuma representará uma força dominante ou sequer caracterizadora. A linguagem brasileira é que será esta força de caracterização e de domínio. Na sua linguagem, como na sua obra, o sr. Gilberto Freyre consegue conciliar e harmonizar o nacional e o estrangeiro, o antigo e o moderno, o aristocrático e o popular. Realmente, tendo atingido uma construção estilística de caráter aristocrático, o sr. Gilberto Freyre utiliza-se da língua do povo, de uma língua mais falada do que escrita. Deve-se notar, porém, que esta utilização não é arbitrária, mas subordinada ao conhecimento da língua portuguesa, inclusive dos seus clássicos que não se mumificaram. Todas as suas inovações, mesmo as que parecem mais libertárias, se apóiam sobre uma lógica idiomática que pôde não coincidir com a dos gramáticos, mas que coincide com o mais verdadeiro espírito da língua portuguesa. O que caracteriza a sua linguagem é um certo dom de transmitir das coisas e da sua realidade, uma sensação como que de caráter físico e direto. A sua linguagem

tem capacidade descritiva, sendo antes de intenção sugestiva ou simplesmente definidora. Por isso, talvez, utiliza tantas palavras novas, e aproveita também outras que pareciam mortas ou esquecidas. E somente mais tarde, como é do destino dos renovadores, será possível saber se fez bem ou mal na sua decisão de encher um livro da altura de *Casa-Grande & Senzala* com certos termos que se pensam e se dizem, mas que não se escreviam até então. Mesmo que venha a ser condenada, porém, há-de ser tomada como um processo de luta, talvez exagerado mas necessário, contra um absurdo convencionalismo de linguagem que vinha dominando as nossas letras. Apesar disso, o seu vocabulário é numericamente pobre, o que tem sido uma condição de todos os grandes escritores, inclusive de alguns daqueles que mais se preocuparam com o estilo, como Flaubert e Eça de Queiroz. O que caracteriza antes de tudo, com efeito, a linguagem do sr. Gilberto Freyre não é a abundância, mas a vida interior; é a precisão, é a plasticidade, é o poder sugestivo, é a construção geométrica e poética ao mesmo tempo. E com esta linguagem e este estilo de renovador que se apóia na tradição, o sr. Gilberto Freyre contribui para um enriquecimento da língua, no sentido que lhe acrescenta uma nota de mais naturalidade, de mais valorização de elementos populares, de maior poder interpretativo e descritivo dos fenômenos não só literários mas científicos.

Sem que seja um vulgarizador, o sr. Gilberto Freyre realiza uma obra científica utilizando um instrumento de expressão perfeitamente acessível. Ele retirou da ciência todo o seu ar de mistério, de cabalismo, de seita maçônica. Tornou-a mais natural, mais humana, mais viva. A ciência das terminologias exóticas e dos sistemas fechados envolve sempre uma pedanteria inútil ou uma mistificação consciente. Ou um sentimento de ostentação ou de fraqueza. Muitas vezes o que se esconde por detrás de uma forma pomposa ou enfática é o mais frágil e o mais pueril de todos os pensamentos. Desde os meus dias de colegial o que mais me espantou nos compêndios chamados de ciência foi essa preocupação de tornar complicada uma coisa que deve ser simples por sua espécie mesma. Nunca pude compreender que se revestisse de uma fórmula desumana uma realidade tão humana como a da ciência; a ciência que significa a própria história da vitória do homem sobre a natureza. Ultimamente a invasão prussiana dos técnicos ainda veio tornar mais irrespirável e estreito o ambiente científico. No Brasil, uma contribuição importante do sr. Gilberto Freyre é esta de estar realizando obra de ciência sem o abuso das terminologias cabalísticas e sem a rigidez dos sistemas autoritários. E nem por isso a sua ciência se torna menos positiva, menos séria ou menos exata. Ao contrário. Que se observem, por exemplo, as palavras simples, as palavras de todos os dias com que estuda problemas e fenômenos de ciência social, de medicina, de arquitetura, de higiene, de alimentação, de história, de geografia, de arte. É possível que sofra com isso um prejuízo de aparência, mas estou certo que as aparências lhe são inteiramente indiferentes. Não lhe importa saber que um pouco menos de sabedoria e um pouco mais de arrogância implicaria para o seu nome uma consagração oficial e petrificada. Com efeito, a ausência de ênfase e de rigidez transmite muitas vezes uma

impressão diminuída a respeito da profundidade, da extensão e da seriedade dos seus conhecimentos científicos. Mas vencida esta impressão superficial, o que verificamos é que poucos livros terão como os seus — sobretudo como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e mucambos* — um material científico tão abundante e tão consistente. Em *Nordeste* este caráter científico ainda se torna mais discreto diante da substância poética que o absorve todo e que se torna a própria vida do livro. Todo o livro, aliás, tem o espírito de um poema: do açúcar, das águas, da terra, dos animais, do homem.

Parece sem dúvida que o sr. Gilberto Freyre desdenha aquela "torre de marfim" onde se recolheram tantos cientistas com a pretensão de torná-la muito mais inacessível do que a outra, a dos poetas simbolistas da fase nefelibática. E acredito que se salvou da torre de marfim não só por efeito da sua lucidez intelectual, mas também como uma fidelidade a certo ceticismo que é fundamental no seu temperamento. A ciência organizada em sistema rígido, em princípios imutáveis, em fórmulas matemáticas — esta eu creio que nunca o tentou. Na verdade, somente o que tem categoria sobrenatural, a religião, pode se exprimir e se revelar em dogmas. O que somente tem categoria natural, a ciência, há-de suportar sempre uma revelação instável, provisória, substituível. Este é um ensinamento que nos vem não só da razão como da própria história da ciência. As teorias científicas e os seus sistemas se substituem todos os dias. O que permanece é o conhecimento desinteressado, é a pesquisa objetiva, é o esforço puro de comunicação do homem com a natureza. Este é exatamente o plano onde se movimenta o sr. Gilberto Freyre. Não o encontramos prisioneiro de nenhum sistema científico. O seu ceticismo o impede de se lançar em definições categóricas: nem as formula nem as aceita. Procura conservar-se livre para identificar a verdade onde quer que ela se encontre. Deve-se compreender que no mundo não existe só uma Verdade, mas muitas verdades parciais, as pequenas verdades da vida física, natural e social. Infelizmente o sr. Gilberto Freyre não atingiu o conhecimento da Verdade, mas também não pretendeu erigir em Verdade nenhuma das verdades parciais do mundo natural. Poder-se-ia dizer que estou fazendo, através do sr. Gilberto Freyre, um elogio do ecletismo, que já se acha envelhecido e desmoralizado. Creio que farei realmente um dia este elogio do ecletismo e do ceticismo num sentido especial que constitui uma das minhas mais íntimas tentações intelectuais. Mas desde já gostaria que ninguém confundisse o verdadeiro ecletismo com um movimento que sob esse nome teve o seu momento de vitória e de brilho no século passado. Esse foi precisamente o que envelheceu e se desmoralizou porque se constituiu, ele, mesmo, num sistema e numa escola, quando o verdadeiro ecletismo significa uma transcendência de escolas e de sistemas. Não tento, portanto, um paradoxo ou a ressurreição de uma velharia, ao afirmar as excelências e as virtudes do ecletismo. O que vejo no ecletismo é a sua possibilidade de unir as verdades parciais que se acham espalhadas e distantes, é o privilégio de não se escravizar ideologicamente, é a disposição de poder ver e sentir unanimemente. Uma desgraça dos homens do século XX vem do seu desdém por todo ceticismo e por todo ecletismo. E antes que me recordem a minha condição de católico, quero dizer que exatamente da

Igreja é que me veio a melhor sugestão para o ecletismo. Da Igreja, que aceita todas as verdades parciais, que aceita todas as verdades, as mais diversas, da política, da ciência, das artes, de todos os fenômenos de ordem natural que não pretendam a mistificação de substituir os fenômenos de ordem sobrenatural. O ecletismo do sr. Gilberto Freyre é este de ordem natural que se concilia muito bem com a inteligência do homem e com a realidade da natureza. É esta atitude de espírito que lhe permitiu, por exemplo, um aproveitamento do materialismo histórico e da psicanálise, embora repelindo em ambos o que contém de sistema filosófico e de concepção geral da vida. Aproveitou de ambos o que neles existe de exata observação histórica ou de pesquisa objetiva sobre o homem e a sociedade, orientando-se pelo princípio que ensina a ver o aspecto de verdade que sempre se acha dentro de todos os erros. Ou, como diz Chesterton: todos os erros são verdades violentadas ou enlouquecidas. Ao estudar a sociedade brasileira verificou o sr. Gilberto Freyre que algumas das idéias de Marx se lhe aplicavam para uma definição do seu caráter e do seu desenvolvimento. Utilizou-as sem que se constituísse um partidário do marxismo. Ao estudar o comportamento individual e social dos homens, notou que muitos dos seus gestos e dos seus atos se explicavam por intermédio de observações e verificações de Freud. Utilizou-as sem que se tornasse um psicanalista sistemático. Esta mesma disponibilidade explicará a sua posição diante da Igreja. E esta é uma posição que se acha coberta de preconceitos e de mal-entendidos. Todos sabem que o sr. Gilberto Freyre não é um homem da Igreja, mas também será necessário dizer que não é um seu inimigo. Em toda a sua obra, ao que pude examinar, só uma vez — em *Uma cultura ameaçada*, como tive ocasião de acentuar em uma destas crônicas — encontrei uma afirmação que me pareceu errada e contrária à doutrina da Igreja: quando afirma uma maior amplitude do plano sociológico sobre o plano teológico. Antes de tudo deve-se notar que a obra de sr. Gilberto Freyre não é uma obra de filosofia ou de doutrina religiosa. Em geral, ele nunca se encontra diante das chamadas questões fechadas da Igreja. O que debate e examina é a ação missionária, que se confunde com a colonizadora, de padres e ordens religiosas no Brasil. Trata-se da ação temporal da Igreja, de todo o amplo domínio em que as controvérsias e as discussões se tornam possíveis e até necessárias entre os próprios católicos. Assim, o que um católico pode fazer contra o sr. Gilberto Freyre é uma contestação de caráter histórico ou sociológico, mas não de caráter religioso. Quanto a mim, não posso deixar de assinalar a sua simpatia para com a Igreja, da qual já estive tão aproximado, como verificamos através destas páginas de *Região e tradição*. Mais ainda: noto em toda esta obra em disponibilidade uma espécie de presença de Deus que não me engana a respeito da tormentosa vida interior que o sr. Gilberto Freyre esconde sob aspectos de indiferença e de serenidade. Protestantismo, jansenismo, Pascal: é todo um caminho de inquietação, de dúvida, de procura, de nostalgia de Deus, que encontro marcando a vida do sr. Gilberto Freyre.

Diante mesmo da ciência de sua especialização — a sociologia — conservou o sr. Gilberto Freyre uma completa liberdade de movimentos e de idéias. Ele avança nas suas pesquisas não como quem se destina a um fim estabelecido,

mas como quem realiza uma aventura da personalidade. À maneira de outras ciências, a sociologia desdobrou logo os seus quadros em limites absorventes. A sua principal pretensão foi a de erigir a sociedade na categoria de realidade onipotente da vida. Em Dukheim essa obsessão do social acima de tudo atingiu o grau máximo de uma sistematização. A sociologia tendia, pois, para uma verdadeira desumanização, para uma eliminação do homem como centro do mundo natural, para uma reação, embora nem sempre consciente, contra o humanismo tanto teocêntrico como antropocêntrico. Hoje, porém, já se vai estabelecendo uma nova tendência sociológica que visa a valorização da personalidade humana, que visa um equilíbrio e uma harmonia de valores entre o ser pessoal e o ser social. O sr. Gilberto Freyre se acha dentro desta tendência, que corresponde bem à sua formação e às suas idéias individuais. Nada na sua obra de sociólogo indica um propósito de fazer da sociedade um mito ou uma entidade independente. O que nela o interessa, ao contrário, é a sua condição de aglomerado humano, permanecendo, por isso, móvel, heterogênea, plural. O seu processo de estudo apresenta-se muito definido nessa direção desde os primeiros ensaios que se encontram agora em *Região e tradição*. É a realidade do homem, em primeiro lugar, que procura compreender e definir. Daí o seu regionalismo que constitui a fase inicial dos três ciclos sociais do homem: o regional, o nacional, o universal. Ou como ele próprio afirma em todos os seus livros, e em *Uma cultura ameaçada* nesta síntese magistral: "universalismo combinado com regionalismo — combinação que se apresenta, cada vez mais, como a solução dos problemas de ajustamento dos homens entre si e de todos aos recursos regionais de natureza: recursos vegetais, animais, minerais". Uma compreensão de ordem contrária significaria a concepção de uma sociedade abstrata e apenas teoricamente definida. Por isso o sr. Gilberto Freyre investiga antes de tudo as condições de vida que estão mais perto do homem e que o explicam mais profundamente: as regionais. As condições da sua casa, da sua cidade, das suas ruas, da sua classe, da sua profissão, dos seus hábitos, da sua cozinha. Depois, as de organização política, de nação, de raça, de cultura. Ficamos, assim, em face de um desdobramento completo do ser pessoal dentro do ser social, partindo do mais particular e do mais íntimo para o mais geral e o mais simplificado. Atinge desse modo o estudo do homem brasileiro através de dois caminhos: o das suas condições particulares de vida e o das suas condições universais de expressão de três raças. Por isso merecem uma igual atenção na sua obra a cozinha nordestina e o processo de formação histórica e étnica dos portugueses, dos africanos e dos indígenas. O seu regionalismo não se impõe como um fim, mas como um princípio. E este regionalismo é que determina por sua vez o seu amor à Tradição e à Província, duas forças que vivem uma da outra. O seu conceito de nação é o de uma unidade complexa, ou vem uma da outra. O seu conceito de nação é o de uma unidade complexa, ou mais exatamente: o da diversidade dentro da unidade. A nação brasileira, principalmente, não suporta outro conceito diferente deste. Estamos, em todos os sentidos, caracterizados pelas diferenciações e particularidades regionais; estamos marcados pelo destino de uma vida provinciana que encontra no regionalismo e na tradição as suas fontes mais vivas e mais saudáveis de organização nacional. E como lembrou certa vez o sr. Manuel Bandeira, "o Brasil todo é ainda província".

Esta vida provinciana e regional se explica, aliás, pela própria formação histórica do Brasil, como a situou o sr. Gilberto Freyre em alguns destes ensaios de *Região e tradição*, desenvolvidos depois em *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e mucambos*, *Nordeste* e numerosas outras publicações. Explica-se pelo patriarcalismo, pela organização escravocrata e híbrida que definiu a nossa paisagem humana e social. E a sua atitude diante das três raças que formaram a nossa sociedade e que fixaram as suas condições vitais — deve-se notar que é mais de compreensão do que de aceitação. Quero dizer: a aceitação resulta da compreensão. Parece-me realmente divertido que se tenha hoje saudade de uma coisa que não se realizou no passado e que se tornou impossível para sempre: saudade de uma colonização holandesa, francesa, inglesa ou alemã. No entanto, a atitude do sr. Gilberto Freyre diante desta colonização portuguesa (como diante dos Estados Unidos, mas esta representa toda uma outra questão) não é de maneira nenhuma apologética. É uma atitude que se afirmou pela inteligência e pelos estudos históricos e não através de qualquer impulso sentimentalista. Acho que se podem resumir assim as suas conclusões neste sentido: que o português, mais do que qualquer outro povo, se achava destinado a realizar uma colonização nos trópicos; que o caráter desta colonização exigia a colaboração do negro e do escravo; que a vitória, na formação brasileira, do africano sobre o indígena, decorreu da circunstância de haver o negro se apresentado em condições de cultura mais elevadas e mais características do que as do índio (v. *Casa-Grande & Senzala* e *O mundo que o português criou*). Além disso, pela sua constituição histórica e étnica o português estava numa situação privilegiada para promover a fusão das três raças, para realizar uma completa miscigenação. E já agora que formamos um povo nesta linha de colonização portuguesa, nada importa senão defender, desdobrar e completar esta mesma linha histórica e étnica que de colonial passou a ser nacional. E muitos dos que a condenam partem de um ponto de vista simplista e falso: o que eles deploram é a ausência de um grande progresso material, das máquinas, dos arranha-céus, da febre dos negócios. Ora, este é um ponto de vista falso porque, sabe-se, a organização industrial e técnica de um país constitui um enriquecimento de civilização, mas não a civilização em si mesma, no seu sentido essencial. O enriquecimento será mais fácil de criar e de conquistar do que a base de uma civilização — esta de caráter espiritual, moral e religioso. A excelência da colonização portuguesa vem da firmeza com que assentou para sempre esta base. Uma base tão firme que é ainda hoje para ela que apelamos nos nossos momentos mais críticos de confusão, perplexidade e dúvida. Com todos os seus defeitos e com todas as suas deficiências — toda colonização implica violência e destruição — é esta no entanto a lição que nos transmite o legado do Brasil colonial. Esta é igualmente uma lição que decorre da obra histórica e sociológica do sr. Gilberto Freyre, com as suas raízes plantadas nas próprias raízes do Brasil.